

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

Fabio Martinez Serrano Pucci¹
Hermes de Sousa Veras²
Joscimar Souza Silva³

RESUMO

Relatamos nossas experiências docentes enquanto professores substitutos na licenciatura plena em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí, com as percepções pessoais e inquietações, através das quais, inspirados em Paulo Freire, possamos contribuir com uma pedagogia da esperança para o tema do ensino de ciências sociais, acrescentando reflexões sobre os desafios apresentados para professores temporários, entre as precariedades e fragilidades do cargo, junto com suas possibilidades e horizontes de atuação. Além disso, o texto é assinado por um antropólogo, um cientista político e um sociólogo, o que reforça a importância das Ciências Sociais enquanto eixo formativo para esses três campos do saber.

Palavras-chave: Ensino de Ciências Sociais; Ensino de Sociologia; Ensino de Antropologia; Ensino de Ciência Política.

TEACHING SOCIAL SCIENCES TEMPORARILY AT THE STATE UNIVERSITY OF PIAUÍ: A NARRATIVE FROM SOCIOLOGY, ANTHROPOLOGY AND POLITICAL SCIENCE

ABSTRACT:

This paper is about our teaching experiences as substitute professors in the bachelor degree course in Social Sciences at the State University of Piauí. Through personal perceptions and concerns, inspired by Paulo Freire, we contribute to a pedagogy of hope for the subject of teaching social sciences, thinking about the challenges presented to temporary professors, such as the precariousness and weaknesses of the position, and also their possibilities and horizons for action. The text is signed by an anthropologist, a political scientist and a sociologist, which reinforces the importance of the Social Sciences as a more broad field which encompass these three fields of knowledge.

Keywords: Teaching Social Sciences; Teaching Sociology; Teaching Anthropology; Teaching Political Science.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Substituto de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Dirceu.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor assistente no Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

³ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto no Instituto de Ciência Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB) e Diretor Financeiro na Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais (ABRAPEL).

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

LA ENSEÑANZA TEMPORARIA DE LAS CIENCIAS SOCIALES EN LA UNIVERSIDAD ESTATAL DE PIAUÍ: UN RELATO DESDE LA SOCIOLOGÍA, LA ANTROPOLOGÍA Y LA CIENCIA POLÍTICA

RESUMEN

Relatamos nuestras experiencias docentes como profesores suplentes en el programa de licenciatura completa en Ciencias Sociales de la Universidad Estadual de Piauí, con percepciones y preocupaciones personales a través de las cuales, inspirados en Paulo Freire, podemos contribuir a una pedagogía de la esperanza para el sujeto de la enseñanza de las Ciencias Sociales, añadiendo reflexiones sobre los desafíos que se presentan a los profesores suplentes, entre las precariedades y debilidades del cargo, junto con sus posibilidades y horizontes de actuación. Además, el texto está firmado por un antropólogo, un politólogo y un sociólogo, lo que refuerza la importancia de las Ciencias Sociales como eje de formación de estos tres campos del saber.

Palabras clave: Enseñanza de las Ciencias Sociales; Enseñanza de la Sociología; Enseñanza de la Antropología; Enseñanza de las Ciencias Políticas.

Introdução

A nossa aposta não apresenta nenhuma novidade na tradição empírica das Ciências Sociais. Pretendemos, com a junção de nossos relatos profissionais mais recentes, lançar alguma inteligibilidade sobre a prática docente universitária, sobretudo na área das Ciências Sociais. Evidentemente, partimos de uma perspectiva e contexto considerado periférico: somos professores substitutos⁴, na categoria assistente, em uma universidade, que em sua dinâmica e relação com outras universidades estaduais da região nordeste, é periférica.

Talvez seja neste aspecto que esse relato agregue alguma novidade, ao tratar de desafios da formação e atuação profissional de cientistas sociais em espaços e universidades não centrais. Evidentemente que estamos simplificando os posicionamentos centro-periferia, como estratégia didática para fazer com que o relato ganhe mais fluidez, pois se fossemos aprofundar essas topografias, a nossa perspectiva seria de tensionar essas dicotomias. Esse artigo apresenta nossos respectivos relatos e conclui articulando nossas experiências.

- Relatos de experiência

⁴ Quando esse artigo foi escrito, os três eram professores substitutos. Atualmente, Joscimar é professor adjunto na UnB, Fábio, professor substituto no Instituto Federal do Piauí e Hermes permanece na UESPI. Nosso texto não menciona, por exemplo, a greve dos docentes da UESPI em 2024 e seus desdobramentos.

Exercitando o olhar sociológico (Fabio)

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) me deu a oportunidade de estreitar como docente em Ciências Sociais no ensino superior. Por conta da pandemia resultante da COVID-19, a primeira aproximação com a universidade se deu de forma remota, o que durou um semestre. Havia concluído recentemente estágio de docência na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), também de forma remota, o que me ajudou a elaborar um plano de curso com objetivos de aprendizagem, metodologias de ensino e avaliação adequados ao ensino remoto emergencial. Esse primeiro contato com a docência ocorreu ao longo de um semestre e serviu como um desafio e oportunidade para colocar em prática os saberes das ciências sociais, em especial da sociologia, maturados ao longo da minha formação. Foi positivo no sentido de que me permitiu desenvolver a experiência inicial de ensino sem me preocupar com os trâmites de uma mudança de estado.

Portanto, no segundo semestre, a partir de abril de 2022, quando já estava “situado” na atividade didática, me preparei para a mudança de São Paulo para Teresina. Um novo desafio se colocava, qual seja, o de ministrar os cursos presencialmente. Estava animado com as possibilidades, pois o ensino remoto foi desgastante por conta de muitos fatores. Um deles, banal, mas que impacta bastante negativamente na experiência, o fato de boa parte de educandos e educandas deixarem suas câmeras desligadas. De forma presencial, os vínculos construídos com as turmas foram muito mais significativos, bem como as trocas de experiências com os professores substitutos, caso dos colegas Hermes e Joscimar.

É objetivo primordial do ensino de sociologia suscitar o estranhamento e desnaturalização dos(as) estudantes com relação aos fenômenos sociais. Muitos deles(as) me questionaram com certa perplexidade sobre o porquê de eu mudar de São Paulo para o Piauí. Aproveitei essa curiosidade para trabalhar com a desnaturalização, aprimorando o “olhar sociológico” para se compreender as relações desiguais entre as regiões brasileiras, refletindo sobre os processos de “etnocentrismo” e “determinismo geográfico”. A minha própria trajetória de vida, nesse sentido, serviu como ponto de partida para a reflexão sociológica e antropológica a respeito destes temas.

Além da experiência pessoal, também tinha como objetivo dar início ao trabalho com metodologias ativas de ensino, o que vinha planejando desde o início de minha trajetória na UESPI, mas que por conta do ensino remoto não havia sido possível colocar em prática. No entanto, com o ensino presencial desenvolvi a “Aprendizagem Baseada em Problemas”

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

(SOUZA; VEIGA, 2016)⁵ na disciplina de “Sociologia Geral e Jurídica”, ministrada para o primeiro período do curso de Direito. O ponto de partida desta metodologia de ensino se deu com base no filme “Quanto Vale ou É Por Quilo?” de Sérgio Bianchi (2005), o qual faz um paralelo entre os temas da escravidão e das formas de racismo e subalternidades presentes nas relações sociais contemporâneas. Esta prática se deu ao longo de sete semanas, possibilitando aos(as) educandos(as) eleger temas de pesquisa relacionando-os com conceitos e teorias da sociologia jurídica. Isso tornou as aulas mais dinâmicas e menos conteudistas.

Levei a cabo essa prática pedagógica por dois semestres seguidos, ministrando a disciplina de Sociologia Geral e Jurídica no curso de Direito e obtive resultados surpreendentes. A variedade temática trabalhada pelos estudantes passava pelas questões do trabalho contemporâneo, educação, crime organizado, prisões, corrupção, terceiro setor, racismo institucional e estrutural, entre outros. Seguindo as orientações de Souza e Veiga (2016), só dei início a essa metodologia após ter constituído entre os(as) estudantes os fundamentos básicos da sociologia clássica no que tange sua relação com o direito, tendo definido duas aulas para introduzir a contextualização histórica e social da Sociologia enquanto disciplina acadêmica, mais quatro aulas para Durkheim, quatro para Marx e quatro para Weber. Desse modo, já havia se consolidado o conhecimento sobre teóricos de raízes epistemológicas diferentes, não os(as) induzindo a esta ou aquela abordagem. A atividade consistiu em sete etapas, seguindo os passos indicados por Souza e Veiga:

- 1- Assistir o filme, discutir, identificar as temáticas e formar pequenos grupos [de 3 a 5 pessoas].
- 2- Escolher um problema, justificar e apresentar os autores bases e proposições para explicar o problema.
- 3- Investigar na literatura as hipóteses apontadas e delinear possíveis soluções.
- 4- Formular o objetivo e iniciar a escrita da resenha crítica (primeira versão).
- 5- Fazer as correções necessárias no texto e finalizar a resenha crítica.
- 6- Organizar a forma de socialização para os demais: seminário.
- 7- Socializar os resultados do trabalho desenvolvido com o coletivo da classe.⁶

⁵ SOUZA, Denise M. A.; VEIGA, Léia A. Aproximações entre aprendizagem baseada em problemas (PBL) e o curso de direito: relato de prática pedagógica no ensino superior. **Revista Jurídica da UniFil**, v. 13, n. 13, 2016, p. 113-124.

⁶ SOUZA, Denise M. A.; VEIGA, Léia A. Aproximações entre aprendizagem baseada em problemas (PBL) e o curso de direito: relato de prática pedagógica no ensino superior. **Revista Jurídica da UniFil**, v. 13, n. 13, 2016, p. 121.

Baseando-me no trabalho proposto por Eglitis, Buntman e Alexander (2016)⁷, solicitei aos(as) estudantes que buscassem na literatura por soluções para os problemas levantados em seus trabalhos, sendo uma solução a nível social (como a educação, por exemplo) e outra a nível legal. Além disso, pedi que refletissem sobre as potencialidades e limitações das soluções apresentadas. Por serem questões muito complexas, a exemplo da corrupção no terceiro setor e da questão da violência e do crime organizado, os(as) estudantes foram levados a refletir sobre os limites e potencialidades do direito enquanto ciência social aplicada. Também tiveram a oportunidade de pensar sobre as raízes sociológicas do problema escolhido, sendo levados na prática a confrontarem e/ou conciliar as distintas raízes epistemológicas da sociologia à luz do problema eleito.

No semestre letivo 2022.1, ministrado entre os meses de outubro de 2022 a fevereiro de 2023, ministrei a disciplina de Sociologia do Turismo e do Lazer, na qual resolvi adotar a etnografia como método de ensino, de pesquisa e de avaliação dos(as) educandos(as). Essa perspectiva já foi relatada por Melo e Moura (2017)⁸, as quais defendem que a etnografia é uma ferramenta que faz o elo entre os saberes científicos e os saberes escolares, rompendo com a dicotomia ensino e pesquisa.

Ao longo da disciplina trabalhei com o livro de Urry e Larsen (2022)⁹, os quais elaboram e desenvolvem diversos conceitos relacionados ao fenômeno do turismo e do lazer, tais como a “autenticidade”, a “performance” e o “olhar do turista”. Como forma de levar os(as) estudantes a operacionalizar estes conceitos, os incentivei a fazer algumas atividades preliminares à etnografia propriamente dita. A primeira atividade consistiu na observação de uma situação em que pessoas estejam esperando algum serviço ser realizado, para treinar o olhar etnográfico. Em seguida, em diálogo com o colega Hermes, que havia realizado atividade semelhante junto a discentes das Ciências Sociais e Geografia, foi realizada uma caminhada etnográfica pela universidade, com o propósito de desnaturalizar o olhar dos estudantes sobre os espaços e a vida social na universidade. Visitamos os prédios de outros cursos, a arena multifuncional, uma das estruturas da UESPI com funcionalidade mais evidente, onde o time profissional de futebol do Altos realiza treinos com frequência, e o prédio da reitoria.

⁷ EGLITIS, Daina S.; BUNTMAN, Fran L.; ALEXANDER, Dameon V. **Social Issues and Problem-based Learning in Sociology: Opportunities and Challenges in the Undergraduate Classroom.** *Teaching Sociology*, v. 44(3), 2016, p. 212-220.

⁸ MELO, Patricia B. de; MOURA, Tatiane O. de C. Perspectiva etnográfica como proposta de metodologia de ensino de sociologia. **Revista Portuguesa de Educação**, 2017, 30(1), pp. 107-133. doi:10.21814/rpe.7400.

⁹ URRY, John; LARSEN, Jonas. *Olhar do turista 3.0*. São Paulo: Sesc SP, 2022.

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

Após essas atividades, propus que fizéssemos uma atividade de campo em Teresina. Estabeleci contato com a representante da turma e com o setor de transporte da UESPI, o qual disponibilizou um ônibus para a realização da atividade. Então, foi realizado contato prévio com o Museu do Piauí, onde seria feita parte da visita. A representante da turma entrou em contato com uma guia que fez o curso de turismo na UESPI. Contratamos esta guia para apresentar as particularidades históricas dos locais visitados. A atividade de campo teve o título de “O olhar do turista em Teresina: uma observação antropológica”. Além do Museu do Piauí, visitamos o Encontro dos Rios, local onde o Rio Poty deságua com o Rio Parnaíba. E também visitamos o Pólo de Artesanato do Poty Velho, bairro onde surgiu a cidade de Teresina e onde há produção e venda de artesanatos. Nesse ponto, a turma pôde estabelecer uma relação com os conceitos de “autenticidade” e “performance” (URRY; LARSEN, 2022)¹⁰. Por fim, foi solicitado que os estudantes entregassem um diário de campo, relacionando as observações feitas com o conteúdo teórico da disciplina.

- Chegar, aprender e ensinar em Teresina (Hermes)

A antropologia é uma ciência de relação intrínseca com o tempo. Independente dos paradigmas e escolas de seu pensamento em vigência e embate, o tempo tem uma dimensão formativa, ora cumulativa, ora descontínua, mas constantemente impregnando quem se dedica ao jogo antropológico, incluindo a pessoa que faz da antropologia profissão, as pessoas protagonistas do conhecimento da área a qual se dedica e a série de seres, itens e eventos que se costumam e se fazem dentro dessa participação. Dito de uma maneira diferente, a antropologia é um fazer imerso no tempo e só se faz no encontro entre pessoas, os mais diversos seres, coisas e suas experiências. A sala de aula, portanto, é um desses lugares repletos de potências onde a antropologia acontece.

Ao escrever essas linhas, estou completando um pouco mais de dois anos em sala de aula na UESPI. Para quem conhece a realidade local, não preciso reforçar que ser professor, em especial substituto nessa instituição, é literalmente estar em sala de aula. Resumirei aqui o que costumo dizer para a comunidade discente no início dos semestres. Por conta da minha formação ter acontecido em diferentes universidades, em distintas regiões do país, os semblantes expressam a dúvida e a inquietação:

¹⁰ URRY, John; LARSEN, Jonas. **Olhar do turista 3.0**. São Paulo: Sesc SP, 2022. **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

– Mas o senhor é de Belém ou de Fortaleza?

O senhor, evidentemente, é mais por respeito e menos por conta da minha aparência, que apesar de apresentar algumas cãs na barba, ainda é a considerada de adulto relativamente jovem, a idade esperada por nossa sociedade, portanto, de quem está em início de carreira.

Correspondo discentes, no sentido educacional elaborado por Tim Ingold (2020)¹¹, de que a educação é *correspondência*¹², apresentando a minha trajetória formativa, meus interesses enquanto docente e pesquisador, assim como exponho, mesmo que de maneira relativamente controlada, aspectos de minha vida pessoal, com uma dupla intenção de, por um lado, de me aproximar da comunidade discente, ao mesmo tempo que instiga que se revelem mais, e por outro, coloca em teste a hipótese de que a antropologia, por ser uma ciência curiosa, que se deleita ao falar da vida outra e alheia, também deve se revelar, expressando suas fragilidades e modos de produção do seu conhecimento, que para Ingold (2020), deveria ser uma sabedoria, ou seja, um saber que nos deixa vulneráveis na vida, pois engajados com o inesperado da vida social.

Traço, portanto, os elementos biográficos. Mostro que nasci na capital do estado do Ceará, onde cursei Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Revelo que desejei cursar uma pós-graduação em Antropologia, e sabendo que na época (2012) não havia nenhuma pós-graduação na área em meu estado, prestei a seleção para o Programa de Pós-graduação em Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGA/UFGA). A partir dessa primeira mudança, justifico o meu interesse por religiões afro-brasileiras em contexto amazônico, assim, resumo o que vivenciei para escrever a minha dissertação de mestrado, (VERAS, 2015)¹³, que posteriormente resultou em um livro (VERAS, 2021)¹⁴, sobre o Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, conduzido pelo sacerdote Pai Álvaro Pizarro. Portanto, dentro desse caminhar, conheci Pai Álvaro e a comunidade de seu terreiro, junto a tantos outros seres, que vão desde dona Maria Padilha até caboclo Zé Raimundo. Sem me aprofundar em assuntos específicos de antropologia da religião, comento o quão são importantes para a antropologia e a educação o movimento, a troca e a reciprocidade, além do reconhecimento de que não se faz nada sozinho. E isso tudo não se faz apenas entre humanos, e é isso que nos humaniza.

¹¹ INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 124p.

¹² INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 124p.

¹³ VERAS, Hermes de Sousa. **O sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um terreiro de Mina Nagô na Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2015.

¹⁴ VERAS, Hermes de Sousa. **O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico**. Belo Horizonte: Letramento, 2021.

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

Essa apresentação nem sempre é linear. Reforço com discentes que se na minha graduação trabalhei com antropologia e sociologia das emoções, conectando juventude, tédio e redes sociais, o que me aproxima, de alguma forma, de alguns discentes, para o mestrado eu desejava me dedicar a um tema já clássico na antropologia, tendo que escolher entre a etnologia indígena e as relações étnico-raciais. Como eu já tinha interesse pelas religiões de matriz africana, decidi trilhar essa área. A partir daí, para explicar que fiz o meu doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul por conta de ser uma universidade que possui um núcleo de estudos de religião (NER) bem estabelecido e por ter apresentado uma alta possibilidade de eu conseguir uma bolsa de estudos, fica relativamente fácil. Mesmo lembrando que continuei fazendo pesquisa de campo no Pará, dessa vez, com as religiões afro-brasileiras e a encantaria na região do salgado, no Nordeste do Pará, o que resultou em minha tese de doutorado.¹⁵ A estratégia de elencar percurso acadêmico, interesses, temas e os imponderáveis da vida, junto com certa aleatoriedade de abordagens, como a passagem de uma socioantropologia das emoções no contexto das redes sociais digitais para o estudo antropológico de religiões afro-brasileiras, busca incentivar a compreensão de que as Ciências Sociais, em seu empreendimento, conseguem se articular com qualquer tema, ao mesmo tempo que busca inculcar o artesanato intelectual e a imaginação sociológica, na perspectiva de Wright Mills¹⁶ na comunidade discente, incentivando que costurem suas trajetórias e vidas pessoais com suas atividades enquanto cientistas sociais e docentes em formação.

A minha exposição costuma ser cortada por outra pergunta:

– Mas professor, o que você está fazendo aqui "nesse fim de mundo"?

E eu conto para as turmas que a Universidade Estadual do Piauí é a primeira universidade que me acolhe como professor, de fato, que antes minhas experiências foram de monitorias e estágio docente. Cheguei a realizar outras seleções para professor substituto e professor efetivo, sendo a UESPI a instituição a me convocar. Essa indagação da comunidade discente não é ingênua. Primeiro, a estranhei por sua recorrência. Não somente alunos, mas a vizinhança também indagava o que eu estava fazendo em Teresina, não como inquérito, pois o acolhimento é perceptível na capital piauiense, mas por acreditar que a cidade não teria muito

¹⁵ VERAS, Hermes de Sousa. **Convivendo com seres encantados: encontros e percursos da encantaria de Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará.** 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

¹⁶ MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

a oferecer a estrangeiros. Da parte da comunidade discente, imagino que essa indagação é mais por conta da situação de abandono que a população está vivendo, desprezada pelo poder público. Quando cheguei na cidade, os ônibus praticamente não circulavam e até hoje a sua mobilidade não é suficiente para atender a demanda da população. Como não me engajar na fala de um aluno de iniciação à antropologia, do turno da noite, cursando o primeiro bloco (semestre) de Ciências Sociais, que quando foi me responder onde era seu bairro, respondeu: “Perto do terminal de ônibus que não serve pra nada”, se referindo ao equipamento urbano que fica no bairro do Mocambinho, em situação de abandono ou parcamente utilizado.

Por essa e outras razões, Teresina enquanto encontro de experiências, ainda me parece ser uma cidade que demanda muitos desafios, por isso possibilita a formação de estudos etnográficos e urbanos, talvez aos modos da “Escola de Chicago”, mas sem repetir seus vícios. Quão interessante e importante seria ter um encontro de estudos urbanos, no campo das ciências sociais, formando algo como uma “Escola de Teresina”. Certamente aprenderíamos algo com essa experimentação, que cheguei a especular com o colega Fabio e discentes.

Diante disso, encontrei como professor o desafio de lidar com disciplinas que não eram da minha especialidade – um rito de passagem comum entre professores substitutos – além de, primeiramente, ter que começar a atividade docente de maneira remota. Mas não enfatizo esse momento, o meu foco é contar como foi o contato presencial, a partir de abril de 2022, referente ao semestre letivo de 2021.2. Seguindo os protocolos sanitários da universidade, dentro do contexto da pandemia da COVID-19, encontrei no campus Poeta Torquato Neto uma estrutura cambiante entre o precário e o satisfatório. Nos falta, para professores temporários e efetivos, sala de trabalho e espaços para maior permanência no campus para além da sala de aula, o que afeta também discentes. Por outro lado, encontrei liberdade profissional para experimentar com metodologias de ensino, inserção de bibliografias e propor aulas de campo, contando com o ônibus institucional para levar a comunidade discente aos trabalhos de campo.

Com esse cenário, destaco que venho elaborando o recurso da crônica (gênero literário) como recurso didático e metodológico, no estímulo ao ensino e a pesquisa em ciências sociais. Quando passei a experimentar essa metodologia de ensino, não procurei a existência de um subgênero que poderíamos denominar de crônica sociológica e/ou antropológica. Como escritor que também comete crônicas e por acreditar nesse gênero como um condensador de múltiplas experiências e possibilidades do mundo íntimo e social, fui impelido a essa experimentação.¹⁷

¹⁷ Realizei um projeto de escrita de crônicas de 2020 a 2023, denominado de *um mensageiro*, que consistiu em uma *newsletter* onde os textos eram enviados para assinantes, via e-mail, a cada domingo. A *newsletter* é um serviço de disparador de e-mails utilizado por empresas e anunciantes, mas que acabou sendo apropriado por **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

A elaboração teórica e metodológica foi construída em percurso. Em diálogo com discentes, junto a suas experimentações, dificuldades e ânimos. Eu sabia que queria incentivar a identidade de “aluno autor”, da maneira como Pedro Demo (2006¹⁸, 2011¹⁹) e Paulo Freire (2009)²⁰ propõem. A autoria forjada desde a sala de aula pretende incendiar a percepção dos habitantes desse espaço, sendo essa percepção experimentada a partir, também, do texto escrito. Junto a essa perspectivas, defendemos que não há ensino sem pesquisa, pois ambos estão estritamente associados. Ao reconhecermos na escrita possibilidade de ensino e ferramenta de trabalho, dialogamos com a noção de escrevivência de Conceição Evaristo (2008²¹, 2017²²) e a própria escrita antropológica como despertares entre discentes o engajamento desde a sala de aula e para além dela, mobilizando, como propõe a literatura de Conceição Evaristo, profundas relações entre escrita e vida.

Dentro da situação caótica dos semestres mais curtos e apertados, por conta da tentativa de sincronizar o calendário secular com o calendário letivo, a crônica antropológica e sociológica foi uma ferramenta de propulsão do “entusiasmo” na sala de aula, no sentido dado a essa palavra por bell hooks (2017)²³. Entusiasmo como força de transgressão. E como não ser transgressora uma prática que instiga uma comunidade discente que tem um perfil múltiplo, mas que principalmente é formada por pessoas que foram ensinadas a acreditarem que a escrita não lhes pertence enquanto lugar de formação e experimentação? A escrita, por vezes, é tida meramente como um recurso que, infelizmente, terá que ser mobilizado para a execução das tarefas dentro das disciplinas, os trabalhos finais e o próprio trabalho de conclusão de curso. Enquanto que na proposta da crônica sociológica e antropológica, escrever é se fazer, afinar as sensibilidades para a pesquisa imersa na vida social. E, principalmente, umas das possíveis expressões dentre as muitas outras. É utópico, mas esse projeto quer desestabilizar a escrita como distinção que separa o mundo entre alfabetizados e analfabetos. Tento mostrar para a

artistas como possibilidade de divulgação e relacionamento com o público, sem a interferência dos algoritmos que reduzem o alcance de publicações em redes sociais digitais. A *newsletter* foi encerrada quando atingiu a marca de mais de cem crônicas. Esse projeto me fez pensar melhor sobre as relações entre crônica, ensino e escrita em ciências sociais, pois boa parte de seu percurso foi dividido com a minha atividade docente, a escrita da tese e de um livro didático, simultaneamente.

¹⁸ DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

¹⁹ DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

²⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

²¹ EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasilidade**: história e memória. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.

²² EVARISTO, Conceição. Da construção de Becos. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

²³ HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes. 2ed, 2017.

comunidade discente que ela pode se expressar das mais variadas formas, vivenciar as oralidades e o corpo em suas potências, só não pode acreditar que a escrita não é um lugar possível de ser habitado. Escrever, portanto, para chegar a um projeto de comunicação e autonomia²⁴. A escrita nessa proposta quer ser formadora de um senso de comunidade, não uma ferramenta da individualidade que discrimina²⁵.

O Brasil sob o caos: ser professor de Ciência Política em tempos desafiadores (Joscimar):

A UESPI me trouxe ao Piauí. Em abril de 2021 com o retorno às aulas presenciais, migrei de Guanambi, Bahia, para Teresina, Piauí, com o objetivo de ministrar aulas presenciais na UESPI. Já tinha vivido um semestre de aulas remotas, dado que o contrato como professor substituto começou em novembro de 2021. Porém, foi com a experiência presencial que pude realmente vivenciar a universidade. Já no primeiro dia houve uma recepção aos novos professores, com sabores de bolo de goma e cajuína. Também foi nesse momento no qual ouvimos e vimos sobre as condições precárias de infraestrutura e outras necessidades. Além disso, a conjuntura política se apresentava dentro de um governo de extrema direita que atacava as universidades e afirmava que essas não deveriam ser ocupadas pelos filhos das classes pobres, algo que me atingia diretamente.

O ambiente bucólico que constitui o campus Torquato Neto contém árvores nativas, de espécies que remetem às memórias afro diaspóricas, mas que trazem lembranças principalmente dos antigos colégios estaduais. Prédios térreos, paredes grossas, corredores estreitos, salas em sua maioria pequenas. Entretanto, sua pouca ocupação pela comunidade universitária foi o que mais me causou estranhamento. Um grande vazio. Poucas pessoas circulando, turmas escassas em número de estudantes, lanchonetes e áreas de convivência quase silenciosas. “Antes da pandemia não era assim”, diziam discentes. No mesmo ensejo, “essa UESPI já foi lotada, professor. Tinha até turno que começava às 5 horas da manhã”. Mas me atenho ao relato do que vivi.

Ali senti também falta de colegas professores e questioneei em que lugar seria nosso ponto de encontro. Onde é o local de reunião dos professores? Espantado fiquei ao saber que não existia esse espaço. Nem sala compartilhada, nem gabinetes individuais ou coletivos. Ou

²⁴ Após alguns meses de experimentação, formalizei essa atividade como projeto de pesquisa, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROP da UESPI, com o título “Crônica antropológica e sociológica: a imaginação e o escrever nas ciências sociais”.

²⁵ HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021
Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

seja, esse campus da UESPI não nos convida a estar lá. Mas o problema maior não era a infraestrutura, nem a UESPI em si, eram as turbulências de um tempo difícil.

Era o terceiro ano do pior governo da história do Brasil (2019-2022). A educação superior pública era constantemente atacada, ser professor era sinal de perversão, ser estudante era sinal de “sem futuro”. Nada estimulava, nem as condições momentâneas nem as expectativas de futuro. Em meus quase dez anos como professor nunca havia presenciado um contexto de tamanho desalento. Estávamos voltando ao ensino presencial sem nenhuma regulamentação clara de como seria essa nova fase, ainda convivendo com a pandemia de COVID-19. O governo federal decidiu se omitir e fez um processo de desregulamentação do ensino superior orientado pelos interesses do ensino superior privado. Os governos estaduais não conseguiram responder à crise educacional ora instalada.

A UESPI estava fragilizada, seu corpo acadêmico não se encontrava fora desse difícil contexto. Todas as universidades públicas do país sofreram do mesmo esvaziamento: as condições econômicas, a situação política que desincentivam o ensino e a aprendizagem, a falta de proteção social e a sensação de risco desse tempo retiraram muitos estudantes da universidade, especialmente os mais vulneráveis socioeconomicamente, para quem houve manutenção do número de vagas para ingresso, ao mesmo tempo que as políticas de permanência ou o sonho de ascensão social com o ensino superior foram fortemente atacadas pelo governo de então. Mas a docência, profissão que escolhi, me motivava a estar ali, ainda que as contas não fechassem ao final do mês.

Nas turmas da Licenciatura em Ciências Sociais comecei a trabalhar com disciplinas que extraíam o máximo da minha formação, variando desde disciplinas optativas a disciplinas da Sociologia. Considerando minha especialidade em termos de Comunicação e Política e Política Latinoamericana, tratei desses temas em uma disciplina de Tópicos Avançados em Ciência Política. Nesta disciplina, pude reorganizar algumas reflexões acumuladas em toda a minha trajetória acadêmica sobre a comunicação política, lançando luz para compreender o momento turbulento pelo qual passava o Brasil, e como a desinformação política tinha se tornado uma arma poderosa nas crises políticas, econômicas, sociais e de saúde que enfrentávamos, já que naquele momento estávamos em processo de superação da pandemia de COVID-19. A perspectiva comparada com os demais países latinoamericanos²⁶²⁷ teve como

²⁶ MORENO, Alejandro. **El cambio electoral**: votantes, encuestas y democracia en México. México: FCE, 2018.

²⁷ SILVA, Joscimar S. **Partidismos y personalismo como indicadores para comprender la crisis de representación en nuevas democracias**: un aporte al caso de elecciones mexicanas 2018. *Agenda Política*, v. 8, n. 1, p. 202-221, 2020.

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 25 – 39 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

foco o aprofundamento da crise de representação política, que tem provocado turbulências, rupturas governamentais, ascensão de novas lideranças políticas, ao mesmo tempo em que modifica estruturalmente a representação política como a conhecemos²⁸²⁹³⁰.

Também pude encarar o desafio de lecionar Sociologia Brasileira, onde recuperei uma análise crítica dos nossos principais autores e autoras. Nessa disciplina, pude desenvolver conjuntamente com o professor Hermes aulas sobre a produção da sociologia e da antropologia nacionais em perspectiva afro diaspórica, especialmente a partir de textos de Lelia Gonzalez (1984)³¹, mas também de contos de Machado de Assis³² e de como a presença africana e a escravidão marcam a nossa sociedade. Tratar disso é fundamental, principalmente no ambiente da universidade que apresenta a maior proporção de professores e professoras negras³³, além de possuir em seu corpo estudantil, uma maioria negra. Se fazia necessária uma pedagogia da esperança³⁴. Não sei se consegui, mas tentei dizer que era possível.

Além do curso de Ciências Sociais, pude atuar também no curso de licenciatura em Química, ministrando a disciplina Sociologia da Educação, em duas diferentes turmas. Essa experiência permitiu uma interlocução muito rica entre os estudantes de Química e o campo das Ciências Sociais. O desafio aqui foi metodológico quanto ao ensino. Optei por trabalhar o método de elaboração de portfólios. A cada aula os estudantes eram estimulados a anotar e refletir sobre a teoria/a ideia/a frase do sociólogo estudado que mais tenha chamado a sua atenção. E a partir disso foi provocada uma prática ativa de ensino e pesquisa, estimulando as competências de pesquisa³⁵ e a autonomia entre os estudantes³⁶, permitindo não apenas relatar as suas vivências, mas também refletir sobre as práticas de autonomia necessárias para futuros professores em sua área. Além disso, considerando o turbulento contexto de desinformação no

²⁸ CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

²⁹ SILVA, Joscimar Souza. **Surfando na crise de representação e nos valores: lideranças políticas emergentes e mídias sociais digitais na América Latina**. Tese de doutorado em Ciência Política. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

³⁰ TELLES, Helcimara S.; MORENO, Alejandro. (cords.). **El votante latinoamericano: comportamiento electoral y comunicación política. México: Centro de Estudios Sociales y Opinión Pública. Cámara de Diputados, 2015.**

³¹ GONZALEZ, Lélia. O racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

³² ASSIS, Machado de. **Pai contra mãe**. Domínio Público. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. s/d. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=1951. Acesso em agosto/2023.

³³ Informação com base no Censo da Educação Superior, INEP/MEC (2018). Esse dado foi amplamente difundida pelo Governo do Estado do Piauí, conforme disponível em: <https://www.pi.gov.br/noticias/uespi-tem-maior-representatividade-de-professores-entre-negros-e-pardos-do-pais/>. Acesso em fevereiro de 2023.

³⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

³⁵ DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

³⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS TEMPORARIAMENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM RELATO DESDE A SOCIOLOGIA, A ANTROPOLOGIA E A CIÊNCIA POLÍTICA

país com o governo de extrema direita (2019-2022), na disciplina de Sociologia da Educação foi possível trabalhar de maneira contundente alguns temas fundamentais para a prática da docência contemporânea, como a compreensão das relações étnico-raciais, as temáticas de gênero e sexualidade, a educação e desigualdades sociais, bem como o contexto de desinformação ao qual estava inserida a comunidade discente, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19. O princípio que norteou essa reflexão partiu da pontuação de Theodor Adorno³⁷ sobre educação reflexiva, para que não deixemos repetir os erros cometidos com uso de violência governamental, como no caso de Auschwitz, estudado pelo autor. Os resultados foram muito motivadores, pois cada estudante apresentou distintos aspectos da teoria e da análise sociológica e ainda desenvolveram a habilidade da imaginação sociológica.

Na minha experiência, a UESPI é uma prova viva de que a educação superior tem um papel fundamental no Brasil, permitindo a um grande número de pessoas antes excluídas da educação superior acessá-la, como também apresentando uma estratégia para a redução das desigualdades. Neste contexto, a necessidade de um ensino crítico e contextualizado pode ser fundamental para a permanência e o sucesso acadêmico de estudantes de ensino superior. Lecionando nos cursos de licenciatura da UESPI aprendi na prática a importância de formar professores com uma educação que não ensine apenas a repetir conteúdo, mas que possam ser agentes de promoção de autonomia discente e capazes de agir diante dos contextos desafiadores que as conjunturas políticas e econômicas podem nos impor, com uma efetiva pedagogia da esperança.

Lembro-me dos encontros dos professores substitutos, meus amigos Fabio, Hermes, Vitor Vasquez (então substituto junto comigo na Universidade Federal do Piauí) e eu. Ali pensávamos o presente, falávamos sobre nossos passados e distintas origens geográficas, distantes de nós não apenas fisicamente. Nessa condição, nos víamos unidos e empenhados no presente para levar possibilidades e esperança a nossos discentes. Não poderia deixar de mencionar que em muitos encontros no bar, que ficou conhecido e registrado por nós como o "Espetinho e Sociedade", conversamos muito sobre um fazer docente que não cabe nestas páginas. Talvez em outras.

Conclusão

³⁷ ADORNO, Theodor. **Educação após Auschwitz.** s/d. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5090779/mod_resource/content/1/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf. Acesso em agosto de 2023.

Os relatos aqui expressos, a seis mãos, são registros esparsos de um momento vivido na UESPI e em Teresina. A experiência sociológica da sala de aula marcou os relatos do professor Fabio. A perspectiva da sala de aula como lugar de encontro e correspondência orientou os encontros do professor Hermes com os estudantes. Os tempos turbulentos afetaram a leitura do professor Joscimar sobre o momento político do Brasil.

Esses relatos são expressão de um momento compartilhado de experiências, focados no fazer docente, em especial dentro dessa condição que boa parte de nós passamos, ou teremos de passar, a de professor substituto/temporário. Esse fazer é permeado por constantes inquietações, aprendizados e reflete as personalidades de cada um dos narradores. As subjetividades e práticas expressas nesse texto podem ser um estímulo para impulsionar que outras e outros docentes façam o mesmo. Produzam seus diários de campo-sala-de-aula em seus registros de memória, tanto em ferramentas como os celulares e computadores, quanto no artesanal caderninho bagunçado. Que as percepções docentes não sejam esquecidas na escrivantina, que sejam registradas nos diários, nas avaliações institucionais e na formulação de políticas educacionais, não apenas nos corredores e bares, embora o "Espetinho e Sociedade" seja fundamental para o esperar.

Que as percepções docentes sejam lidas pela multiplicidade de estudantes em formação, seja por desejarem a docência, por já estarem nela ou até mesmo por terem fugido da profissão. A pedagogia da esperança, nesse aspecto, é muito mais do que uma questão curricular da universidade pública, é a defesa da garantia desses espaços, com a garantia da gratuidade e da qualidade capilarizada por todo o Brasil.